

DEUS ESTÁ HOLANDÊS

Marcos Falchero Falleiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: *Gregório de Matos e Padre Vieira manifestam diferentes perspectivas barrocas em suas "preces" a Deus*

Palavras-chave: *Gregório de Matos, Vieira, Barroco.*

Abstract: *Gregório de Matos and Padre Vieira express different baroque expectations in their "prayers" to God.*

Key-words: *Gregório de Matos, Vieira, Baroque.*

*Baste de razões, vamos 'as escrituras.
Vieira, Sermão do Mandato.*

Não parece ter sido comportamento pouco comum, no Barroco, o patrulhamento ideológico da praxis divina com o uso das Sagradas Escrituras para cobrar de Deus compromissos com o seu santo nome e em nome de sua glória – o que, na verdade, não passava de descarada defesa da própria pele do fiel que deprecava. Muitos anos depois do *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contras as de Holanda* (1640), de Vieira, Gregório de Matos (1633-1696) ainda rezava:

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada
Cobraia-a; e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

São desamparadas crianças barrocas, perdidas entre a Terra e o Céu. Com a seguinte diferença: enquanto Gregório de Matos tem uma posição solitária de marginalizado, que o individualiza em seu tempo e o faz atribuir a Deus a tarefa de cobrar uma ovelha magra e bêbada, a tarefa de Deus, no sermão de Vieira, é cobrar a gordura de uma ovelha promissora, de cuja lã a tosquia garantirá para a Metrópole portuguesa a cobiçada acumulação primitiva do capital, tão necessária para o enfrentamento dos novos tempos (cf. Novais, 1975). Vieira, apesar do mesmo descaramento de Gregório de Matos no usar a glória de Deus para chantageá-lo, comete o agravante de defender não propriamente a sua, mas a pele da voz que ele encarna: Vieira, "orgânico", fala com a voz do Estado: voz rebuçada pela fé, que, entretanto, em nenhum momento deixa transparecer uma preocupação explicitamente econômica. Trata-se menos de uma inviabilidade em se falar com Deus nestes termos, que uma

crença verdadeira e não dissimulada de Vieira na pureza das intenções católicas. Vieira não faz da ideologia que enforma sua subjetividade – para que enganasse o onisciente Deus – um instrumento ardiloso, como comumente poderia pensar um marxismo primário a respeito de ideologias. Vieira, antes, é vítima sincera dessa crença. E mesmo quando seu discurso a denuncia com um *também*, ele logo a recupera, ainda que para isso tenha que romper o fluxo de sua veemência com um parêntese:

"Sei eu, Senhor, que só por amor dos inocentes, dissestes vós alguma hora, que não era bem castigar a Ninive. Mas não sei que tempos, nem que desgraça é essa nossa, que até a mesma inocência não vos abranda. Pois *também* a vós, Senhor, vos há de alcançar parte do castigo (*que é o que mais sente a piedade cristã*), também a vós há de chegar" (Vieira, 1966: 36; grifei).

Entretanto, ainda aqui esse *também* não é relativo 'a perda da Colônia para os holandeses protestantes , e sim 'as escabrosidades da guerra:

"Entrarão por esta cidade com fúria de vencedores e de hereges; não perdoarão a estado, a sexo nem a idade" (1966: 35) – e *também*:

"Entrarão os hereges nesta igreja e nas outras", "tomarão os cálices e vasos sagrados, e aplicá-los-ão a suas nefandas embriaguezes" (1966:36).

E quando tangencia o aspecto econômico,

"Tantos serviços vos tem feito esta gente pervertida e apóstata, que nos mandastes primeiro cá por seus aposentadores; para lhe lavrarmos as terras, para lhe edificarmos as cidades, e depois de cultivadas e enriquecidas lhas entregardes?" (30),

é ainda com a justificativa da Fé que o desamparado Vieira choraminga:

"Assim se hão de lograr os hereges e inimigos da Fé, dos *trabalhos* portugueses e suores *católicos*" (30; grifei).

Sujeito da ideologia religiosa, Vieira fala. Fala ao público, falando a Deus:

"Muita razão tenho eu logo, Deus meu, de esperar que haveria de sair deste sermão arrependido" (24).

E enquanto os fiéis ouvem o monólogo de Vieira na Igreja Nossa Senhora da Ajuda, os holandeses estão apertando o cerco 'a cidade da Bahia. Diante de tal fato, querer argumentar com Deus e convencê-lo com razões, não só dificultoso assunto parece, mas empresa desesperadamente delirante, se não entendermos outro propósito em sua fala: Vieira fala a Deus como pretexto retórico de quem pretende dissuadir seus ouvintes de uma possível aliança com os invasores. Mesmo que sua veemência nos convença de que o intuito não é retórico, sabemos que o efeito será claramente persuasivo.

A peculiaridade, pois, deste sermão, no conjunto da obra de Vieira, está no significado concreto e premente da mudança e da dança de destinatários entre Deus e os fiéis. Sobre a função da oratória sagrada no espaço barroco, diz Antonio Candido:

"Estamos, além disso, no gênero ideal para o tempo e o meio, em que o falado se ajusta 'as condições de atraso da colônia, desprovida de prelos, de gazetas, quase de leitores. Nunca o verbal foi tão importante e tão adequado, sendo ao mesmo tempo a via requerida pela propaganda ideológica e o recurso cabível nas condições locais" (Candido, 1975:92).

Mas é, em primeira instância, a Deus que Vieira fala. E esse falar a Deus, falando aos homens, reflete o conflito em que a Contra-reforma o deixou. O desejo de retorno ao passado configurado no Barroco traduz a resistência ao mundo capitalista e protestante, encabeçado pela burguesia comercial e industrial que fazia surgir a nova força do racionalismo e por quem Portugal e Espanha, obscurecidos por um mundo ainda regido pelas leis de privilégios feudais, seriam vencidos. É disso que Vieira se ressentia:

"e aquele nome português, tão celebrado nos anais da fama, já o herege insolente o afronta" (1966: 17).

"Já a Fé não tem merecimento?" (27).

"Abrasai, destruí, consumi-nos a todos; mas pode ser que algum dia queirais espanhóis e portugueses, e que não os acheis" (31).

"Muita razão tenho eu logo, Deus meu, de esperar que haveis de sair deste sermão arrependido, pois sois o mesmo que éreis, e não menos amigo agora, que nos tempos passados, de vosso nome. *Propter nomen tuum*. Moisés disse-vos: ' Olhai, Senhor, que dirão' . E eu digo e devo dizer: Olhai, Senhor, que já dizem. Já dizem os hereges insolentes com os sucessos prósperos, que vós lhes dais ou permitis; já dizem que porque a sua, que eles chamam de religião, é a verdadeira, por isso Deus os ajuda e vencem" (24).

Mas Deus não lhe responde. A onipotência agora está na mão do Dinheiro e de sua operadora mais eficaz: a Razão.

E Vieira berra, perplexo:

"Deus está holandês?" (24).

Mais tarde o barroquismo de Vieira se esgarçaria, mais ainda que nesse momento de realismo ilustrado, e o levaria a defender os judeus das garras do Santo Ofício, com o objetivo pouco cristão de assim facilitar a permanência do capital em seu país (cf. Sérgio, 1951). Mas por enquanto o conteúdo de seu discurso é resistente, e o que desmorona sem que ele se dê conta é apenas sua estética barroca. Neste sermão se abranda, pela urgência do cerco dos novos tempos, seu barroquismo conceptista de cadeias lógicas feitas com passagens 'a base de correspondências alegóricas. Presos a um único tema, como ele ensinava a fazer, fluindo circularmente para nunca sofrerem divagações que os extraviassem do centro, os sermões de Vieira ganham a moldura de um raciocínio verdadeiro por coerência. Uma moldura que, no todo de cada sermão, acaba por funcionar como uma grande metáfora da verdade. Quer-dizer, o sermão é sempre falso, sofisticado no plano da lógica formal, pois essa grande metáfora é construída com o tecido de outras menores no interior do discurso. Se a função da *figura* é enriquecer o caráter expressivo da linguagem, seja em busca do "estranhamento", seja pela estratégia milenar do didatismo com paralelos do que se quer fazer entender, através de alegorias e parábolas, a *figura*, por outro lado, não tem lugar no campo da lógica formal, na medida em que, graças ao seu caráter definido de troca imprópria de

termos, será logicamente inviável usá-la para operar passagens de tipo silogístico (cf. Monteiro, 1974). Mas Vieira, entre a Fé e a Razão, acaba cometendo barbaridades contra a última com o uso da primeira – o que é próprio do Barroco:

"O estilo barroco pretende traduzir o estado de conflito ou tensão espiritual do homem, graças ao uso de elementos apropriados, artificios e figuras, como antíteses, paradoxos, contorções, preciosismos, assíndetos, metáforas, imagens emblemáticas, simbolismos sensuais, sinestesia, hipérbolos, catacreses. São expressões de um estado de tensão interior, entre forma e conteúdo, de um estado de turbulência, de agressividade, de conflito entre o indivíduo e um mundo inseguro" (Coutinho, 1968: 109).

Entretanto, neste *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*, a hora premente da história bate 'a sua porta. E bate arrombando, com o cerco holandês. Vieira, com um olho no padre e outro na missa, fala a Deus com a Fé, enquanto persuade os mortais com a astúcia da Razão. Acuado pelo inimigo, suas citações bíblicas não funcionam mais como sofisticadas premissas da Fé, mas têm como função ilustrar fatos que Vieira acredita se repetem, para rogar a Deus determinadas responsabilidades. A história viva do fim do mundo Barroco batendo 'a sua porta impede-o, para poder defendê-lo, de deter-se demoradamente em suas contorções do estilo, o qual, sem que ele se dê conta, já está vencido pela funcionalidade racionalista do inimigo. O conteúdo barroco, que seria alcançado folgadoamente pela mediação da arte, não tem tempo de se apresentar aqui como expressão estética, e um discurso utilitário e preciso, reivindicativo e desesperado, ocupa como ideologia o lugar da forma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*, São Paulo: Cia Editora Nacional, 1975
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução 'a literatura no Brasil*, Rio de Janeiro: Distribuidora de Livros Escolares, 1968.
- MONTEIRO, João Paulo. *Teoria, retórica, ideologia*, São Paulo: Ática, 1974.
- NOVAIS, Fernando. Estrutura e dinâmica do Antigo Sistema Colonial. In: revista *Cebrap*, no.17, São Paulo: Brasiliense, 1975.
- SÉRGIO, Antônio. Prefácio. In: VIEIRA. *Obras escolhidas*, v.I, Lisboa: Sá da Costa, 1951.
- VIEIRA, Antonio. *Sermões*, Rio de Janeiro: Agir, 1966. (Nossos clássicos).